

"Mauern", "Falo..." e "Rei Ubu" no dia 17 no teatro Extremo

No dia 17 de Junho pelas 21.30 H será possível ver no Teatro Extremo, Rua Serpa Pinto, em Almada (Velha) o produto do meu trabalho artístico, assessorado dramaturgicamente pela Prof^a Lurdes Cruz, levado a cabo no ano lectivo de 2009/2010 na Escola.

A sessão começará com "Mauern", terá um intervalo de vinte minutos (a pausa entre o primeiro e segundo actos de "Mauern" faz-se com a sala a meia luz e os espectadores sentados) depois do qual estreará "Falo... Falas... Falamos? Exercício teatral sobre a linguagem e as suas silábicas questões" e, finalmente, "Rei Ubu", de Alfred Jarry (extractos).

"Falo... Falas..." marcará a estreia do Grupo de Teatro Multicultural, cuja actividade se iniciou em Janeiro de 2010.

Sobre cada uma destas três obras, e na perspectiva de seu encenador, eis algumas pistas de leitura, justificadas aqui pelo contexto pedagógico em que foram criadas:

1. "Mauern": comecei a investigar o material que serviria de fundamento a "Mauern" em Junho de 2009. Mas decisiva foi a minha estadia em Berlim, em Agosto do mesmo ano, durante a qual descobri a lápide que assinala, na Zimmerstrasse, o local onde agonizou Peter Fechter.

"Mauern" não é a primeira obra dedicada a Peter Fechter: logo após o seu assassinio diversos artistas lhe dedicaram obras e, na semana seguinte à da sua morte, realizou-se um concerto evocador do jovem de 18 anos que, ferido junto ao muro de Berlim quando tentava passá-lo, gritou por socorro cinquenta e um minutos, antes que as autoridades permitissem (tarde demais) socorrê-lo. "Mauern" é, pois, uma obra sobre a impiedade humana e, neste sentido, toda a violência que a peça possa expressar nunca excederá aquela - bem real - que lhe deu origem.

Na construção dramaturgica de "Mauern", além de escritos meus e do prólogo de autoria da Prof^a Lurdes Cruz, utilizo textos de Goethe (alheio ao "consome e deita fora" ou exacerbação da "originalidade", gosto de citar adereços/personagens das minhas obras anteriores: em "Mauern" reaparece o cão-Mefistófeles do "Fausto"), assim como um extracto do "Despertar da Primavera", de Wedekind, e ainda citações de Schiller e Lutero. Estes ingredientes constroem, sobre a tragédia de uma morte - a de Pet -, o percurso de uma mãe - Grete -, em busca da sua criança desaparecida.

No final o Coro dirá a Grete, que chora caída no chão: "Grete, steh auf!" ("Grete, levanta-te!") enquanto avança em direcção ao "muro": um tal epílogo diz-me a mim, seu arquitecto, que ainda acredito na vitória do esforço humano.

2. "Falo... Falas... Falamos? Exercício teatral sobre a linguagem e as suas silábicas questões" corresponde a uma proposta para que tratasse a multiculturalidade presente na Escola, onde existem cerca de vinte nacionalidades diferentes.

A peça começa num tempo em que o humano mal se expressa - mas logo inventa a roda - e procura, através de breves quadros, transmitir os diversos usos da linguagem: o dar nomes às coisas, a aprendizagem da frase, no caso um poema de Camões, a sua utilização em diversos registos, a linguagem como ferramenta argumentativa (luta por um objecto) anestésica (quadro da canção de embalar) a fala-manipulatória - "Tu ficas com o papá!" - a linguagem, enfim, do discurso político. Por último, as palavras amorosas, ou o encontro da "alma gémea", o qual tudo apazigua, com a peça a voltar ao princípio, embora noutro patamar evolutivo, dando entrada aos bebés que aprendem a falar e a fazer a roda.

"Falo...Falas..." procura explicar as diferenças culturais partindo da própria linguagem.

3. "Rei Ubu" de Alfred Jarry (extractos)

A escolha dos extractos obedeceu à razão da sua encenação: trata-se do texto que o "Festival Studentesco Lingue in Scena" de Turim colocou como obrigatórios aos grupos participantes.

Talvez o caminho mais fácil para encenar "Ubu" seja o do grotesco, tirando partido da expressão desbragada das personagens.

Não foi a opção.

Achando que "Ubu", na sociedade de raiz democrática ocidental, é todo aquele que sonha elevar-se materialmente acima dos demais - quantos semanalmente vêem o euromilhão como uma solução de vida? - a encenação fez do personagem "Ubu" um cidadão comum: daí que o Poder surja cenicamente sustentado pelo sofrimento daqueles sobre os quais ele se eleva.

Mas o sonho embala o humano e, no final, o casal "Ubu" iguala qualquer par romântico que sonha a sua estrada.

Homo hominis lupus?

Propositadamente falei até aqui das opções dramaturgias das três peças mas ainda não da forma que as embrulha ou... embala.

Na verdade, sendo eu o autor das três encenações, justifica-se antes que refira, em geral, alguns dos meus credos estéticos, os quais, se aplicados diferentemente a cada uma das peças, hão-de no entanto ser constantes em todas elas.

Quais são, pois, as minhas preferências estéticas, sob que roupagens gosto de vestir as obras que faço?

O meu trabalho cénico fundamenta-se no labor do actor (concordo com Grotowski quando diz que o teatro é apenas o que se passa entre um actor e um espectador) e, em cena, tudo o mais me parece circunstancial, ou de evitar. "Teatro nu", portanto, para não lhe chamar "Pobre" como dizia o referido Grotowski. Não me lembro de colocar um disco a servir de banda sonora numa das minhas peças (é fácil reunir créditos à custa de excepcionais gravações) e, mesmo o nu, chamariz fácil de tanta obra, foi em "Mauern" que senti pela primeira vez a sua inapelável necessidade: como apresentar doutra forma a força energética (Baal?) que ri de todas as fardas, senão vestindo o personagem que a encarna apenas com a única veste de que, de facto, não nos podemos ver livres: o próprio corpo humano? (Por razões pedagógicas (?) este nu, todavia, não foi apresentado no contexto da Escola.)

Teatro essencial?

Teatro nu?

O espectador melhor do que eu poderá caracterizar o meu estilo de encenação. Quanto a estas linhas, cujo objectivo foi o de apresentar, também por este modo, pistas para a leitura de "Mauern", "Falo... Falas..." além de "Rei Ubu", (extractos), não passam disso mesmo: meras pistas. O espectador mais atento encontrará decerto outras e, porventura, até contraditórias com as que sugiro. Pessoalmente gosto da contradição: a ela devemos a vida.

O espectáculo está quase a começar: é já no dia 17, pelas 21.30 H, no teatro Extremo, em Almada, ao qual a Escola agradece a gentil cedência do espaço.

Carlos Gouveia Melo

(dramaturgo / encenador assistente na Escola Secundária Fernão
Mendes Pinto)